

Religiosidade e adesão religiosa: motivações que levam homens e mulheres a promoverem o crescimento das igrejas pentecostais

Claudia Neves da Silva¹
Denice Barboza de Souza²
Patrícia Vicente Dutra³

Resumo: O número de pessoas que se declara membro de uma igreja evangélica pentecostal cresceu significativamente no Brasil a partir da segunda metade do século XX, trazendo um novo cenário para o campo religioso. A partir dessa constatação, surgiram algumas indagações: o que ocasionou o aumento das igrejas evangélicas pentecostais a partir da década de 1970? Por que há maior procura por igrejas de natureza pentecostal? Há outro questionamento que almejamos responder: como a presente investigação contribui para as reflexões na área da história das religiões? Delimitamos como recorte temporal o período que vai de 1970 a 2010, porque foi a partir da década de 1970 que se deu um aumento significativo do número de igrejas pentecostais. É preciso ter claro que recuperar a experiência humana que se manifesta sob as mais variadas formas, requer que o historiador selecione os documentos com os quais trabalhará para realizar sua investigação. Na história contemporânea, ou do tempo presente, os testemunhos, as fontes orais e a história oral tornam-se importantes instrumentais técnicos do método histórico. Até mesmo a subjetividade e as distorções que possam ocorrer nos relatos tornam-se fontes para a pesquisa. Nesse sentido, as fontes orais nos forneceram as pistas para alcançar nosso objetivo, que é compreender as motivações que levam homens e mulheres a procurarem as igrejas evangélicas pentecostais.

Palavras-Chave: Igreja Pentecostal; Movimento Religioso; Modernidade.

Religion and religious membership: reasons leading men and women promote the growth of Pentecostal Churches

Abstract: The number of people who have declared a member of a Pentecostal evangelical church in Brazil has grown significantly since the second half of the twentieth century, bringing a new stage for the religious field. From this observation, there were some questions: what caused the rise of Pentecostal evangelical churches from the 1970s? Why is there greater demand for Pentecostal church? There is another question we aim to answer: how this research contributes to reflections on the Religions History? We defined time frame as the period from 1970 to 2010 because it was from the 1970s that gave a significant increase in the number of Pentecostal churches. It must be clear to recover the human experience that manifests itself under various forms, requires the historian to select the documents

¹Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: claudianeves@uel.br

²Aluna do 3º ano do Curso de Serviço Social da UEL. Email: denice.barbosa@yahoo.com.br

³Aluna do 3º ano do Curso de Serviço Social da UEL. Email: patriciavicenteditra@hotmail.com

which to carry out their research work. In Contemporary History, or the Present Time, the testimonies, oral sources and oral history become important technical instruments of the historical method. Even the subjectivity and the distortions that may occur in the accounts become sources for research. In this sense, the oral sources gave us the clues to reach our objective: to understand the motives that lead men and women to seek the Pentecostal evangelical churches.

Keywords: Pentecostal Church, Religious Movement, Modernity.

INTRODUÇÃO

O presente texto traz os resultados parciais de uma pesquisa realizada entre os anos de 2008 e 2011⁴ na cidade de Londrina (PR) e apresenta a fase madura da busca pelo conhecimento acerca do fenômeno religioso, em especial os movimentos pentecostais na contemporaneidade.

O número de pessoas que se declara membro de uma igreja de natureza pentecostal cresceu significativamente no Brasil a partir da segunda metade do século XX, trazendo um novo cenário para o campo religioso. Na década de 1970, este crescimento se aprofundou, porque, se inicialmente a presença das igrejas evangélicas pentecostais era mais visível entre os segmentos de baixa renda, logo se fez notar entre a classe média - profissionais liberais, professores, servidores públicos, comerciantes, entre outras categorias profissionais - em busca de igrejas que oferecem serviços e respostas para suas necessidades.

A partir dessa constatação, surgiram algumas indagações: o que ocasionou o aumento das igrejas evangélicas pentecostais a partir da década de 1970? Por que há maior procura por igrejas de natureza pentecostal? Ademais, há outro questionamento que almejamos responder: como a presente investigação contribui para as reflexões na área da história das religiões?

Delimitamos como recorte temporal o período que vai de 1970 a 2010, porque foi a partir da década de 1970 que se deu um aumento significativo do número de igrejas evangélicas pentecostais, provocando a migração de fiéis das Igrejas Católica e Protestantes Históricas para essas novas denominações religiosas.

⁴ *Religiosidade e adesão religiosa: motivações que levam homens e mulheres a adentrarem as portas do templo de uma igreja pentecostal, vinculada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Londrina.*

Para compreender o fenômeno religioso e suas repercussões na contemporaneidade, fundamentamo-nos em pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, como Sigmund Freud, que abordou a necessidade da humanidade de criar deuses, a fim de manter sob controle o instinto agressivo do homem, e que possibilitou a criação de normas e princípios éticos; e em Zygmunt Bauman, cujos estudos sociológicos se voltam para as relações sociais na sociedade contemporânea.

Além disso, recorreremos às técnicas investigativas da Antropologia, como a observação participante das celebrações religiosas das Igrejas Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Evangelho Quadrangular, Comunidade Nova Aliança, Assembléia de Deus e Bola de Neve.

É preciso ter claro que recuperar a experiência humana que se manifesta sob as mais variadas formas, requer que o historiador selecione os documentos com os quais irá trabalhar – não esquecendo de que ele ou ela parte de interesses e intenções do presente - para realizar sua investigação. Nesse sentido, as fontes orais nos forneceram as pistas para alcançar nosso objetivo, que é compreender as motivações que levam homens e mulheres a procurarem as igrejas evangélicas pentecostais. E foi com este intuito que convidamos oito (8) membros das igrejas evangélicas pentecostais acima citadas para fazerem parte de nossa investigação.

Na história contemporânea, ou do tempo presente, os testemunhos, as fontes orais e a história oral tornam-se importantes instrumentais técnicos do método histórico. Até mesmo a subjetividade e as distorções que possam ocorrer nos relatos tornam-se fontes para a pesquisa, porque a memória, coletiva ou individual, expressa determinadas representações e forças sociais de grupos e/ou indivíduos que agem no presente.

Em uma sociedade cujas necessidades humanas, as atitudes e os desejos individuais e coletivos são regulados pelas exigências do mercado para adquirir os bens à disposição, em que não ter condições de possuir e apropriar-se das riquezas materiais da comunidade, provocam a exclusão de homens e mulheres que não podem comprar e geram sentimentos como frustração, tristeza e impotência (SILVA, 2008), encontrar consolo e explicações para as agruras cotidianas apresenta-se premente.

E a instituição religiosa tornou-se uma possibilidade de buscar respostas para as dúvidas, as angústias, os problemas cotidianos e experimentar emoções, porque não há censura a quem expresse sentimentos como tristeza, dor, alegria, além de ser recebido por pessoas na porta da igreja com sorriso nos lábios, com um abraço ou aperto de mão e palavras acolhedoras. Há uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, pois sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades e obstáculos do dia-a-dia (SILVA, 2008).

Se por um lado, aqueles que crêem vão à igreja em busca de consolo e conforto para enfrentar a dor e os sofrimentos físicos e emocionais, por outro, segundo Bourdieu (2004, p.48), os fiéis: “contam com ela (religião) para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.”

E assim, os fiéis constroem, desconstroem e reconstroem sua religiosidade a partir de seu estilo de vida, de pensar, de ser e de agir, fundamentada na emoção, na subjetividade e nos desejos individuais, como nos relatou o membro de uma igreja: “A mudança que Deus fez na minha vida, foi que ele me tornou uma pessoa mais calma, mais tranquila [...]” (A.).

As possíveis consequências de uma religiosidade centralizada no indivíduo e suas necessidades somente saberemos daqui a alguns anos, mas podemos supor que continuará aumentando as migrações entre as denominações religiosas e sua adequação a um público cada vez mais flutuante, haja vista o crescimento constante das igrejas evangélicas pentecostais e o declínio das igrejas históricas tradicionais. Conforme estudos divulgados pela Fundação Getúlio Vargas, a queda do catolicismo chegou a 68,4% em 2009; enquanto que os evangélicos, tanto os tradicionais como os pentecostais, registram um crescimento de 20,2% nessa década (FGV, Novo Mapa das Religiões, 2011, p. 7-8).

MODERNIDADE E RELIGIÃO: DUAS FACES DE UMA MESMA REALIDADE

De acordo com Bauman (2001), com o advento da modernidade - quando se verifica a concentração dos grandes monopólios, ampliação dos meios de

comunicação de massa e o avanço tecnológico, que possibilitou alavancar a produção, diminuir os custos e ampliar o consumo - o indivíduo, que antes tinha os limites e a proteção da família, passou a buscar a sua sobrevivência em um mundo totalmente desconhecido e rodeado de mistérios. O indivíduo se move a partir de seus interesses, desejos e prazeres, os quais são ditados por um mercado repleto de opções.

Desta forma, não há definitivo ou inflexível, porque a flexibilidade é o dominante, sejam os bens de consumo, sejam as relações pessoais. Tudo está em constante movimento, “tudo flui” e os “fluidos não fixam o espaço nem prendem o tempo” (BAUMAN, 2001). Mas, junto com a modernidade surge a insegurança, o consumismo, o individualismo.

Com a valorização do consumo, da busca incessante pela satisfação dos desejos, consolidou-se uma sociedade individualista, na qual homens e mulheres procuram novas formas de viver para atender às necessidades impostas por esta sociedade em acelerado processo de mudança; entre elas a exigência de adquirir bens materiais, sob o risco de se tornarem invisíveis, tendo em vista que quando não possuem estes bens à disposição para serem comprados, são excluídos e descartados da sociedade de consumo.

Ademais, a valorização e exacerbação do individualismo revelam que homens e mulheres estão buscando apenas a satisfação de seus interesses pessoais, não promovendo ou se preocupando por uma causa comum – meio ambiente, corrupção, violência urbana, reforma agrária, miséria (BAUMAN, 2001). Ao contrário, há uma naturalização dos problemas sociais: desigualdade social, desmatamento e corrupção sempre existiram.

Nessa conjuntura, as famílias também se transformam, o homem já não é mais o chefe da casa, afinal, muitas mulheres assumiram esta responsabilidade, e em alguns casos, fazem o papel de pai e mãe de seus filhos, sendo obrigadas a longas jornadas de trabalho para conseguirem sustentar sua família. Filhos, netos, sobrinhos, primos, avós, tios, todos estão cada vez mais “fechados” e isolados em seus problemas, angústias, medos; e, coincidência ou não, com as práticas religiosas ganhando mais espaço na vida destes indivíduos.

Segundo Bauman (2001), a família deixou de ser sinônimo de segurança e proteção, doravante o sujeito está entregue à sua própria sorte, encontrando-se

perdido sem saber para quem pedir ajuda, porque a coletividade cedeu lugar ao individualismo e o homem passou a ser visto a partir de sua biografia, vendo-se obrigado a responder por suas escolhas, expondo-se às contradições e aos riscos desta realidade que o espera. Reforçamos esta afirmação com a fala de uma fiel:

[...] Quando eu vim pra cá eu estava muito machucada, não só pelo meu casamento, mas por uma série de coisas que já vinham acontecendo ao longo da minha vida. Aos doze anos eu sofri uma tentativa de estupro, então havia muito medo de me relacionar com as pessoas, talvez até por isso que eu era tão autoritária, tão mandona, por medo de me machucar com as pessoas. E aqui Deus começou a fazer meu coração mudar [...]. (M.).

Neste cenário, surge a necessidade de encontrar uma igreja que atenda às suas aflições, mas que também possibilite uma identificação entre ele e os outros fiéis que fazem parte do corpo religioso. Pessoas que buscam nas instituições religiosas valores antes cultivados, como solidariedade, amizade, caridade e um sentido para suas vidas: “[mudou] todo o caminho errado que eu vivia, mudou as escolhas erradas de jovem, de adolescente que eu comecei a buscar na palavra que eu aprendi aqui [...]” (A.).

Há que se destacar que a procura por explicações na esfera sagrada para entender o plano terreno vem de longa data. Para amenizar o medo e conseguir suportar as dificuldades e os perigos de um mundo até então desconhecido, o homem buscou no divino a compreensão de fenômenos naturais, como o trovão, o terremoto, a chuva, a seca. Como assinala Freud (1990), as civilizações buscaram deuses dotados de poderes para dominar ou controlar o medo do desconhecido.

Estar em todos os lugares, conhecer todas as coisas, ser destemido e poderoso, são qualidades que os homens não podem ou não conseguem desenvolver. Assim, surge o deus da caça, para que haja caça e não fome, o deus do trovão ou raio, para proteger destes fenômenos que fogem das mãos humanas, o deus do mar, para controlar sua fúria.

Para cada necessidade, de acordo com Freud, um deus. Outro exemplo que está mais próximo de nosso tempo: os santos católicos. Na sabedoria popular, para cada santo um pedido: São Brás – protetor da garganta; Santo Antônio – o famoso santo casamenteiro; Santa Catarina – protetora dos estudantes; Santo Expedito – o das causas impossíveis; São Jorge – o poderoso que venceu o dragão. Cria-se uma

relação do homem com os deuses, o estabelecimento de uma comunicação, através da prece, do jejum, da abstinência, do ritual. Como disse o membro de uma igreja:

Eu, pela fé que testifico em Deus, creio que Deus vai fazer uma obra, e vou voltar a ter os meus olhos de volta. Mas eu creio que Deus há de fazer a obra, e eu hei de largar os óculos. Financeiramente, eu não trabalhava, e através de muitas súplicas a Deus, agora eu tenho um emprego. O emocional vem se transformando cada vez mais. (F.)

Conforme Freud (1990), o homem nasce sob condição de desamparo e deus seria a figura do protetor. Compara esta situação de desamparo humano à infância, isto é, a criança que necessita da proteção e do amor de um pai. Coloca a forma respeitosa de como o homem se relaciona com seu deus, semelhante à criança com o pai - uma relação recheada de respeito e temor, que não é só medo, é a certeza da proteção, do amparo tão almejado.

Depois de crescido, surge a religião para substituir a segurança que a criança encontrava nos pais, ou seja, deus substitui o pai, assumindo toda a responsabilidade por sua vida: o que é ou o que será, é colocado sob a proteção deste deus. Se algo der errado, foi porque deus quis e o indivíduo não teve culpa – suas falhas passam a ser responsabilidade divina (FREUD, 1990).

Como se percebe, a crença religiosa se sustenta pelo medo de desamparo, de abandono; e a religião torna-se, para o homem desamparado, o abrigo, o refúgio contra a violência, a falta de saúde, as incertezas. A crença diminui a angústia, traz superação das dificuldades humanas (FREUD, 1990). Não obstante o acesso e a disponibilidade à informação, com o suposto domínio da natureza, com a tecnologia cada vez mais avançada, as religiões estão vivas e fortes.

Os perigos se renovam, assim como os medos; tanto conhecimento traz ao homem a consciência de que os riscos que assolam a humanidade são dignos de temor, como as pandemias, os terremotos, os tsunamis, as enchentes, o aquecimento global. A ciência que edifica é a mesma que destrói, a que cria possíveis condições de cura, mas ao mesmo tempo, cria armas, venenos, condições cada vez mais rápidas de ruína.

Ainda que exista uma gigantesca evolução da medicina, a ciência não foi capaz de deter a morte. Indagações acerca da morte são feitas todos os dias; contudo, ainda não foram respondidas. O homem dificilmente busca ou consegue

compreender o ciclo da vida, que leva à morte. Eis a fala de um membro da igreja: “[...] eu tinha um problema muito sério de saúde dos dois filhos, eles quase chegaram a óbito várias vezes, com a mesma doença [...]” (A).

Como se pode perceber do exposto, o estabelecimento da comunicação do homem com o seu deus traz uma habilidade de negociação, de aliança e de defesa, considerando o conhecimento do ambiente em que está inserido, e a possibilidade de realização de seus objetivos pessoais e desejos. Como disse um membro da igreja a respeito das conquistas alcançadas após sua conversão: “Conseguimos quitar nossas dívidas, hoje temos uma casa própria, carro, nós dois cursamos uma faculdade privada, isso no nosso orçamento não cabia” (D.).

IGREJAS: LOCAL DE ENCONTRO DOS QUE BUSCAM SEUS IGUAIS

De onde vem essa fé? Quem são as pessoas que declaram a fé em Deus? É o que estamos procurando desvendar através dessa pesquisa - conhecer as razões de homens e mulheres promoverem o aumento do número de igrejas evangélicas pentecostais nos últimos 40 anos.

Um crente em Deus declara: “É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscam a mesma coisa que você, tem o mesmo foco que você [...]” (P.). Percebe-se que há uma necessidade, um vazio que precisa ser preenchido em meio à diversidade do dia a dia, fazendo com que as pessoas busquem força nas igrejas, pois lá elas se sentem protegidas dos perigos que as rodeiam.

Por meio de observações e das entrevistas, foi possível perceber aspectos em comum no que diz respeito a esses motivos. Partimos do fato de que as pessoas estão reconstruindo o que chamamos de *protagonismo*. Os jovens são o exemplo mais claro e forte que identificamos. Este protagonismo é a maneira como o jovem grava sua participação na sociedade por meio da inserção em espaços onde relaciona-se com outros indivíduos, praticando atividades que atendem às suas aspirações e às aspirações do grupo do qual faz parte.

É uma forma de integrar-se, de pertencer a um determinado grupo, de participar de uma determinada atividade. E o jovem, ou seja, homens e mulheres que acabaram de sair da adolescência e se vêem diante de ter que escolher uma

profissão, trabalhar e lidar diariamente com os conflitos nas suas relações sociais, afetivas, sexuais. Enfim, é ele ter que assumir a responsabilidade por sua inserção na sociedade, no mercado de trabalho, no acesso aos serviços da comunidade.

E como podemos verificar, a instituição religiosa é também um espaço privilegiado onde se encontram alguns desses elementos, porque fomenta e possibilita o protagonismo do jovem fiel, tendo em vista que lá é aceito, assistido e notado, enfim, “visível”:

Eu frequento “o” Bola de Neve porque pra mim... Quando eu voltei pra Igreja mesmo, eu fui acolhido por uma família. Esse foi o diferencial. Não foi eu simplesmente chegar aqui. O pessoal me cumprimentou, perguntou de onde eu tinha vindo, quem que era eu realmente (R.).

Ademais, há a formação de um círculo de amizades que chamam de “família”, porque sentem que têm com quem “contar”, que têm amigos que estão buscando o mesmo objetivo, que fazem parte de um grupo: “É bom você estar lá, convivendo com pessoas com a mesma mentalidade que você, buscando a mesma coisa que você, ter o mesmo foco que você.” (P.).

Diferentes como indivíduos, mas iguais na fé e na escolha pela mesma denominação religiosa, o jovem vai se identificando e se igualando conforme o grupo em que se insere. A partir daí, o sujeito passa a ser semelhante aos outros membros do grupo.

Não obstante, também verificamos que as instituições religiosas buscam adequar-se ao fiel. Se o jovem quer ir à igreja sem precisar esconder a tatuagem ou tirar o *piercing*, então existirá uma igreja desse jeito. Se a mãe de família busca a cura da enfermidade, busca a salvação do casamento, existirá uma igreja fundada nos princípios da família: “Quando você entende que Deus é teu pai, e não apenas o teu criador, e você passa a viver esse amor, você quer corresponder com esse amor, e você quer deixar, quer abandonar tudo o que não agrada o seu pai [...]” (R.).

De acordo com Sousa (1984), a instituição, seja ela a família, a igreja ou a escola, enquadra a pessoa pelo desejo de ser querida por ela, atuando com coerção, mas de forma que seja desejada, isto é, mostra-se querer o mesmo que seu *cliente*, de forma que a relação resulte em sedução ou identidade. Assim, esta submissão da pessoa à instituição se dá ou por prazer, ou por fuga da dor, deixando-se penetrar pelo desejo institucional:

Eu frequento essa igreja por ser uma igreja de jovens, pelo meu filho ser exatamente o pastor da igreja e pela gente ter começado esse trabalho aqui em Londrina, mais especificamente por ela ter uma visão de receber pessoas como elas realmente são, geralmente as igrejas mais tradicionais elas às vezes criam algumas barreiras em relação as pessoas que são um pouco diferentes [...]. (A.)

A procura por um local ou mesmo práticas e atividades que possibilitem ter (ou ao menos a sensação de ter) o controle da própria vida leva os indivíduos a mudanças de atitude e de comportamento. A conversão representa um marco na vida dos fiéis, o “antes e depois” da conversão. Proporciona uma experiência emocional, afetiva e espiritual. Antes se consideravam egoístas, não tinham paz, saúde, estabilidade financeira, relações familiares e/ou sociais satisfatórias, felicidade, disciplina. O que tinham eram doenças, depressão, dívidas, brigas familiares, dependência química, envolvendo-se inclusive com prostituição:

Olha, antes de ir à igreja, ‘tava’ com minha vida totalmente desregrada, com minhas emoções doentes, na verdade com a minha alma doente, eu ‘tava’ cheio de conflitos internos, ‘é’ cheio de paranóia, e isso me levou a entrar num processo depressivo, sabe, onde tudo de repente, as coisas que eu gostava de fazer ‘é’, começaram a fazer mal, na verdade já me fazia mal, e eu passei a enxergar que elas me faziam mal, que eu ‘tava’ com a minha saúde mental completamente comprometida, eu não tinha nenhum pouco de paz, na verdade eu tentava buscar a paz, através da promiscuidade, através das drogas, através às vezes do consumismo [...]. (R.)

Segundo Campos (2002, p. 96) a “conversão se tornaria então um processo de troca de identidade religiosa e cultural, assim como a aceitação de uma nova mentalidade, tida como mais ‘racional’, menos ‘supersticiosa’ ou ‘mágica’[...]”, possibilitando a construção de novos laços sociais e afetivos, de acordo com as expectativas e anseios do convertido.

Após a conversão, os fiéis revelam ter adquirido o que faltava. Eles identificam que aquele lugar, aquela prática está lhes trazendo o que falta, o que foram buscar. Observamos nas declarações destes fiéis, que a partir da conversão há uma mudança significativa em suas vidas. O que era ruim ficou bom, o que não havia cura encontra solução, as práticas tidas como erradas dão lugar às corretas, superam-se as angústias imediatas: “Tinha uma vida totalmente afundada no pecado, toda desregrada, e com uso de drogas, como álcool, baladas [...]” (R.).

Importante ressaltar como enfatizam o “tudo”. Tudo era ruim, agora tudo é maravilhoso, porque, segundo esses neófitos, Deus transformou tudo.

[...] Mudou radicalmente. A minha mãe era desenganada da medicina, tinha graves problemas de coração. Meus pais estavam a ponto de morrer. Meu pai também era desenganado da medicina, tinha três meses de vida, segundo os médicos. Deus abençoou meus pais. Ele não só curou e mudou, ele transformou as nossas vidas, nos deu paz, alegria, nos tirou da miséria, e ainda nos deu o direito da salvação. (C.)

Outro aspecto a destacar, é a crença de que Deus tem um plano para a vida destes novos crentes, e estar em determinada igreja faz parte deste plano. Aqueles que não nasceram na igreja, mas se converteram, julgam que é nesta denominação religiosa que o plano de Deus se cumprirá. Afirmam que somente nesta denominação é que *encontrou Jesus*:

Eu comecei a frequentar aqui devido a uma situação que eu estava passando. Uma crise conjugal. Eu frequentava antes a igreja Católica, nós procuramos ajuda diversas vezes, mas não conseguimos. Eu e meu esposo fazíamos análise com psicólogo, como casal, e não estava surtindo muito efeito. Ele tinha problema com vício de jogo, e aconteceu que um dia um agiota me procurou, me ameaçando de morte, estava com um cheque meu e eu não sabia [...]. E eu falei pra ele (*para o agiota*) que iria denunciar tanto ele quanto o meu marido para a polícia, e saí disposta a acabar com tudo. E no caminho, eu vim cair aqui (na igreja) (D.)

Se há o fracasso, o culpado é o indivíduo, porque não teve fé suficiente para conseguir o que desejava. Quanto ao sucesso, ele é mérito da igreja, que se coloca como aquela que possibilitou e/ou facilitou o caminho para Deus.

No decorrer do processo investigativo, verificou-se que os membros das igrejas apresentam a seguinte compreensão no processo de conversão religiosa: Deus é bom, não quer o sofrimento, se na denominação que ele frequenta não encontra respostas para suas angústias ou as dificuldades não podem ser solucionadas nem pela igreja nem por outro caminho, é porque Deus não está neste lugar, e é preciso então mudar, converter-se.

Um jovem fiel informou porque se converteu: “Porque na Igreja do Evangelho Quadrangular eu encontrei o que não encontrei na igreja Católica, Jesus. E ele mudou a minha vida, mudou e transformou a história da minha família.” (A.)

A partir daí, os fiéis apresentam um sentimento de pertencimento, porque agora fazem parte de um corpo, parte de algo maior; ressaltam que não é a igreja a autora de tais mudanças e sim o próprio Deus, que se encontra nesta igreja.

De acordo com Bertrand (1989), a religião é uma ilusão, e esta uma necessidade social. Assinala que a religião tem sido capaz de se adequar para continuar com seu lugar, mas isto não quer dizer que ela seja capaz de resolver todos os males sociais, de dar respostas objetivas a situações como a miséria social. A religião tem sucesso por conta da subjetividade, e de qualquer forma, o conhecimento não pode controlar a imaginação. Na discussão da autora com Feuerbach, vemos que a subjetividade da crença religiosa está em três elementos.

O primeiro deles é a cisão, que seria o desdobramento do homem que não pode realizar sua essência na particularidade, está separado de si mesmo. O segundo é a projeção, onde o que o homem não é capaz de realizar em sua singularidade, ele projeta para fora de si. Projeta na realidade externa, no outro, tudo que está privado de realizar, todas as qualidades; desta forma, o “ser que tudo pode” é a contrapartida do próprio homem, que não pode tudo. O terceiro elemento é a inversão, onde o homem vira objeto, e o objeto – o deus que foi criado – torna-se homem. O homem se vê enquanto criação deste objeto à qual inverteu os papéis (BERTRAND, 1989).

A religião é o desejo fundamental, o esforço do homem para suprir o sofrimento que vem do processo de clivagem, descrito pelos três elementos postos acima. O homem só pode alcançar essa liberdade na imaginação, e a religião traz isso à tona, por isso configura uma ilusão, e porque a raiz da ilusão também é a do desejo, o ideal só sobrevive pela promessa de que é portador (BERTRAND, 1989).

Dessa forma, as igrejas são escolhidas à medida que apresentam relações seguras, relações de proximidade, relações fundadas no afeto, no cuidado. Os fiéis apresentam a necessidade de se sentirem cuidados, animados, fortificados. Buscam um local que lhes ofereça a cura da enfermidade, a resolução de um problema, mesmo que esta resolução venha acompanhada de normas de conduta, porque a disciplina possibilita uma orientação para conduzir suas vidas.

Segundo as declarações colhidas nas entrevistas, uma instituição que lhes imponha disciplina, determina limites, reeduca-os para conseguirem viver em harmonia com o mundo: “Os meus valores eram totalmente errados, fora dos

princípios da palavra de Deus. E esta igreja me ensinou como eu devo proceder [...]”. (K.)

Como podemos verificar, as motivações apresentadas fundamentam-se em escolhas individuais, haja vista que ocorre uma identificação com o discurso, com a ideia e a doutrina da igreja. São homens e mulheres em busca de relações fundadas no desejo de ser feliz, na satisfação e no prazer, tendo a liberdade individual e a liberdade de escolha como essenciais para a conquista da felicidade no plano terreno. Há ainda, o fato de frisarem a importância de viver o presente, não havendo a necessidade ou a obrigação de filiação a uma luta ou causa, seja ela social, política ou ambiental, porque não está diretamente ligada ao cotidiano e os resultados se dariam a longo prazo.

De acordo com esse modo de pensar e agir que consolidou-se na contemporaneidade, mas que foi construído no decorrer das últimas décadas, cada pessoa escolhe a sua religião, a sua crença adequada aos seus objetivos. Contudo, compreender os motivos que levaram à construção deste pensar e agir, é tema para uma próxima investigação!

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

As mudanças ocorridas nas áreas social, econômica, política e cultural ao longo dos últimos 40 anos, exigiram que homens e mulheres redefiniram sua concepção de mundo, de ser e de agir, levando muitos a irem ao encontro de movimentos que trouxessem a promessa de renovação e/ou certezas. Além disso, a ideia de conquistar a felicidade no plano terreno e de que é possível viver as delícias do céu neste plano é tentadora, porque rompe com o tradicionalismo religioso, que prega que as alegrias e o fim do sofrimento somente se darão após a morte.

E o movimento pentecostal, e nele as igrejas pentecostais, trouxe esse novo estilo de ser igreja, garantindo a possibilidade de resistência e fortalecimento perante as agruras da vida cotidiana, porque readequou e renovou valores tradicionais tão caros a homens e mulheres, como a solidariedade, a amizade, a emoção, além de reforçar valores morais e princípios éticos considerados perdidos com a ascensão da modernidade.

Assim, cada pessoa escolhe a sua própria igreja, a sua própria crença, atendendo aos objetivos e demandas de seu cotidiano, e provocando o surgimento de uma diversidade de igrejas para atender uma diversidade de interesses e necessidades pessoais, emocionais, existenciais, porque sentir-se acolhido e pertencente a um grupo social ajuda a fortalecer-se para enfrentar as dificuldades, medos, angústias e obstáculos do dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERTRAND, Michele. O homem clivado – a crença e o Imaginário – III. Silveira, Paulo e Bernard Doray (org.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo, Vértice, Revista dos Tribunais, Ltda, 1989, pp77- 108.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo, conversão e construção de laços sociais no Brasil. *Estudos de Religião*, ano XVI, nº. 22, 85-109, jan./jun. 2002.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund Freud / Tradução do Dr. C. Magalhães de Freitas*. Rio de Janeiro: Delta, [19 -].

SILVA, C. N. *As ações assistenciais promovidas pelas igrejas pentecostais no Município de Londrina (1970 – 1990)*. 181 p. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de História, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2008.

SOUSA, H. R. *Institucionalismo: a perda das instituições*. Secretaria de Saúde de São Paulo, São Paulo, 1984.

SOUZA, Regina Magalhães. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: USP, 2006.

<http://www.fgv.br/cps/religiao>. Acessado em 02/02/2012.